

# MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

## Uma professora da Mooca

História de [Janete Gasparini Torres](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 18/12/2013

---

P/1 – Janete, você pode começar falando o seu nome completo, local e data de nascimento?

R – Janete Gasparini Torres. Nasci no dia 19 de outubro de 1942. São Paulo, na Mooca.

P/1 – Seus pais são de São Paulo?

R – A minha mãe nasceu na Itália e meu pai nasceu na Mooca.

P/1 – A sua mãe veio da Itália para o Brasil com quantos anos?

R – Ela veio bebê. Meu avô...

P/1 – Você chegou a conhecer os seus avós maternos?

R – Sim.

P/1 – O que eles faziam lá na Itália?

R – Então, eu não sei exatamente... Meu avô, segundo informações que eu tenho da minha mãe, ele era telegrafista. Mas por causa da Primeira Guerra Mundial, com muitos filhos homens, eles vieram para o Brasil como imigrantes. Minha mãe era pequena bebê.

P/1 – Eles vieram como pra cá?

R – Vieram você diz que meio de transporte? Vieram de navio, como os imigrantes vinham na época. Passaram ali pelo Brás, houve uma triagem, foram trabalhar na fazenda de café em Itatiba. Mas meu avô não deu muito certo. Ele não era do campo. Mas eu ainda vejo assim, que a mulher é aquela que sustenta a família. Então graças a minha avó que ele conseguiu resistir a essa mudança de vida. Primeiro língua, ele morreu sem falar português. O que ele aprendeu ele esqueceu e só falava italiano. Mas a minha avó era uma brava lutadora porque foi ela que deu suporte pra ele. Então ficaram algum tempo na fazenda de café trabalhando na terra.

P/1 – Ela também trabalhava na terra?

R – Sim. Os filhos. Aí depois vieram pro Brás, como todo bom italiano só tinha que morar no Brás. E foram morar na Rua Major Otaviano que, aliás, hoje nem existe por causa do metrô. Eu até procurei um belo dia, falei: “Ah, vou a casa da minha avó”. Da minha nona. Era nona, não é avó. E a rua não existe mais. Então eu me lembro de um, digamos assim, eu vi um CD, esqueci o nome da cantora... Zizi Possi. Lembrei o nome. Ela tem um CD de músicas italianas, Zizi Possi, em que ela tem um prefácio ali, uma introduçãozinha que ela faz um comentário em que ela fala assim que ela sonhou, isso até me emociona, que ela sonhou que o avô dela tinha voltado ao Brás e não existia mais nada a não ser a igreja. E acho que é mais ou menos isso.

P/1 – E a sua vó o ajudava de que... Quando eles mudaram pra cá o que ela fazia? Ela trabalhava pra fora?

R – Eu acho que a minha avó era sempre uma doméstica. Ficava trabalhando no lar.

P/1 – E seu avô quando ele veio pra cá ele trabalhava com o que?

R – Então, daí ele trabalhou na fazenda, aí ele começou a trabalhar em marcenaria. Sempre trabalhou manual. E as minhas tias, conforme foram crescendo foram todas, como todas moravam perto da Alpargatas, e como se falava em Italiano: “Ah, eu vou trabalhar na Paragata”. Era o termo usado. Minha mãe também foi trabalhar como tecelã. Todas das irmãs foram tecelãs.

P/1 – Na Alpargatas?

R – Na Alpargatas. E depois no Crespi, porque era outra tecelagem que havia ali. Lembro-me que minha mãe até foi mudar a data de nascimento dela dois anos pra ela ficar mais velha e poder trabalhar na fábrica. Era a vidinha deles. Trabalhar como tecelãs as mulheres e os homens. Eu lembro que a minha mãe contava o seguinte, os homens tinham privilégios na família. Se você comprava frango, as partes melhores, nobres do frango eram dos homens. E minha mãe eu lembro que até depois eu dizia: “Mãe, mas você pode comer a coxa.” “Não, mas eu adoro o pescoço, eu adoro a asa”. Acredita? Porque as mulheres não comiam como os homens. Os homens tinham privilégio, eles almoçavam antes e depois as mulheres.

P/1 – Isso ela morava no Brás.

R – No Brás. Na Major Otaviano.

P/1 – E foi lá que ela conheceu o seu pai?

R – Foi lá que ela conheceu o meu pai.

P/1 – Você sabe como eles se conheceram?

R – Eu não sei exatamente, mas minha mãe fala que meu pai era assim muito extrovertido. Ele tinha muitas amigas. As moças gostavam dele porque ele era simpático, era bom dançarino, dançava muito. Lá tinha as matinês do Brás. Então eles dançavam muito. Aí minha mãe começou namorar meu pai...

P/1 – Ele morava lá?

R – Meu pai morava na Mooca.

P/1 – Nasceu na Mooca?

R – Nasceu na Mooca. Lá na Mooca.

P/1 – E os pais dele são brasileiros?

R – Não. Também são italianos.

P/1 – Foram imigrantes?

R – Não foram imigrantes. Agora, como meus avós vieram aqui eu não sei.

P/1 – Os pais do seu pai?

R – Não. Os pais do meu avô. Eu não sei como é que eles vieram pro Brasil. Não sei. Mas o meu avô, meu avô Ângelo...

P/1 – Pai do seu pai.

R – O pai do meu pai. O pai do meu pai acho que foi um aventureiro. Ele veio pro Brasil... É até uma história de amor bonita que eu só descobri quando eu fui atrás da minha cidadania italiana. Ele veio pro Brasil, ele veio como uma aventura: “Eu vou procurar emprego no Brasil”. E veio. Veio trabalhar como pedreiro. Ficou um tempo, conheceu a minha vó Luiza.

P/1 – Que era brasileira?

R – Italiana.

P/1 – Também já tinha migrado?

R – Eu não sei bem como é que ela veio. Isso eu não sei te dizer.

P/1 – Mas ela já estava aqui.

R – Ela já estava aqui morando com a mãe dela. Então, meu avô Ângelo conheceu a minha avó Luiza, ela morava no Brás, e ele ficou um tempo gostou dela, mas resolveu prestar o serviço militar na Itália. E foi embora. Voltou pra Itália. Fez o que devia, disse que cumpriu o dever dele e ficou lá. Aí a minha bisavó escreveu uma cartinha: “Ângelo, se você gosta muito da Luiza, você venha logo porque senão ela vai casar com outro”. E ele voltou e casou com ela. Quando eu fui atrás da minha cidadania italiana eu fui procurar a certidão de casamento deles, sabe? E achei. Achei bonita. Eles casaram no Brás bonitinho lá. Achei legal.

P/1 – E aí a sua mãe conheceu o seu pai lá?

R – Então, minha mãe conheceu o meu pai no Brás. Que ela morava na Major Otaviano, ele era muito extrovertido, como ele foi sempre, muito extrovertido e era dançarino. E minha mãe ficava assim com o pé um pouco atrás, resabiada, não vai dar certo, esse moço é muito assim. E vive rodeado com jovens, e deixou de lado. Mas ele voltou, entrou na casa dela, falou pro meu avô que queria casar com ela e ponto final. Casaram.

P/1 – Seu avô paterno fazia o que? O pai do seu pai fazia o que?

R – Ele era pedreiro.

P/1 – Pedreiro? Continuou como pedreiro.

R – Continuou como pedreiro, morou no alto da Mooca.

P/1 – E seus pais daí foram morar, continuaram morando no Brás?

R – Meus pais foram morar num quartinho ali no Brás, bem simples. E depois foram morar com a minha vó materna, a Elisa, um tempo ficaram com eles. Depois posteriormente compraram um terreno na Mooca, não o alto da Mooca, mas a parte média da Mooca.

P/1 – Que rua?

R – Rua Domingos Oliveira, 142. É uma rua pequena quase que particular. Um larguinho onde as crianças brincavam. Eu brinquei no larguinho. O larguinho existe até hoje. Eu nasci lá, Domingos Oliveira.

P/1 – Seu pai... (interrupção) Seus pais foram morar nessa rua, o que seu pai fazia?

R – Ele era gráfico. Gráfico trabalhando numa tipografia e minha mãe continuou trabalhando como tecelã. Ela continuava trabalhando na fábrica. Porque eles eram uma família muito simples, não ganhavam muito e esse terreno começaram a construir uma casinha pequena. Ela continuou trabalhando. Só depois de oito anos que eles estavam casados é que eu nasci. Ainda assim minha mãe disse: “Mas agora que eu fui ficar grávida, que eu to pagando a casa?”. Veja você, hein. Mas aí eu nasci. Nasci nessa casa, Domingos Oliveira.

P/1 – E ela continuou trabalhando?

R – A minha mãe continuou. Ela ficou assim, eu tinha um tio que morava a um quarteirão dessa casa, na Capitães Mores, também na Mooca, um quarteirão. Aí essa minha tia Tereza ficava comigo durante o dia pra ela poder continuar trabalhando.

P/1 – E você é filha única ou tem mais irmãos?

R – Não. Sou filha única.

P/1 – Aí você nasceu e como é que era a Mooca naquele momento? Você lembra?

R – Lembro. Era um bairro como eu acho a Mooca um bairro muito agradável. Era um bairro sossegado, com muitas crianças na rua. A minha rua, Domingos Oliveira, ela tinha as pessoas que moravam de lá vinham de diferentes lugares. Então tinha dona Maria a italiana, dona Maria a portuguesa, tinha a espanhola. No larguinho você tinha família que tinha vindo da Hungria. Aí tinha várias nacionalidades. A gente se reunia, conversava muito, conversava-se no portão, tinha ainda as cadeiras na rua onde você batia papo. Os vizinhos se conheciam muito e as crianças brincavam na rua e no larguinho, que o larguinho era o ponto de encontro. Era um lugar agradável. A escola ficava próxima, você podia ir a pé muito facilmente. Tinha o Grupo Escolar Armando Araújo, que ele foi depois demolido, foi construído em outra rua, na Juvenal Parada, mas antes ele era na Rua da Mooca, um edifício bem velho, bem antigo, alto.

P/1 – Você estudou na Juvenal Parada?

R – A Juvenal Parada ficou a escola onde existe até hoje.

P/1 – Mas você estudou lá?

R – Eu estudei não na Juvenal, mas estudei na Rua da Mooca. Estudei no Armando Araújo.

P/1 – No Armando Araújo.

R – Estudei lá.

P/1 – E conta uma coisa, você passava mais tempo com os seus tios do que com seus pais?

R – Só no começo. Só no começo que eu era bebê. Mas eu amava demais essa minha tia, minha tia Tereza e o meu tio Primo, que meu tio era irmão do meu pai. Primo porque era o primeiro. E Domingos porque era o nome do avô dele. Eu gostava muito deles porque a minha tia era uma pessoa que lia muito, pra mulher na época ela escrevia até em italiano, então era um mulher que tinha estudado. E ela gostava de contar histórias. A filha dela, Odete, que era bem mais velha que eu, eu a considerava uma mãe mesmo. Se você perguntasse pra mim: “Quem é a Odete?” “Ah, é a minha mãe”. Porque ela me contava histórias e foi ela que começou a mostrar pra mim o Tesouro da Juventude, porque ela lia as histórias do Tesouro da Juventude pra mim. E foi assim que eu comecei a gostar de história. Quer dizer que eu tenho uma gratidão enorme pra eles, com eles.

P/1 – E na sua casa como é que era? Quem exercia a autoridade, seu pai ou sua mãe?

R – Os dois. Os dois. Não tinha... Os dois eram severos comigo. Bastante. Eram carinhosos, mas os dois eram severos. Com certeza.

P/1 – Quando você ficou maior você ia a escola e ficava depois em casa? Como é que era?

R – É. Foi assim, bom, eu tinha seis anos e... Eu sou de outubro. Naquela época pra você entrar na escola você tinha que ter sete até junho. Se você fizesse sete em outubro não poderia entrar. Então a vizinha, cabeleireira, falou: “Ah, dona Maria, eu conheço a diretora do Grupo. Vou falar com ela pra ver se a Janete não pode ficar de ouvinte”. Havia isso também, ouvinte. “Ah, pode ficar de ouvinte”. Conversou com a diretora, a diretora falou: “Tudo bem. Eu tenho uma vaga. A Janete vem aqui e fica de ouvinte”. Como ouvinte. Lá fui eu como ouvinte porque não podia me matricular. Mas eu aprendi rapidinho, porque eu já estava acostumada com as histórias. Aprendi facilmente e fui promovida. Fui promovida assim, de ouvinte pra ser matriculada e comecei naturalmente a estudar e vinha pra casa. A minha mãe nessa época arrumou um trabalho em casa. Então ela fazia o seguinte, hoje em dia que é tudo automático através de máquinas, por exemplo, se você comprasse pimenta do reino, esse condimentos, os condimentos eram colocados em saquinhos. Então precisava de gente que colasse os saquinhos e tinha uma pequena tipografia lá perto de casa, de um senhor alemão, a minha mãe e outra senhora colavam os saquinhos, contavam de cem em cem, amarravam, davam pra ele e ganhava um X. Pouco, mas pra ela que ficava em casa estava ótimo. E eu, Janete, aprendi a colar o saquinho também. Logicamente ficava com ela, ouvíamos rádio depois das quatro horas, porque antes não havia energia, e ouvíamos as histórias no rádio também. Aqueles programas da Rádio São Paulo. Eu lembro que havia até novelas no rádio que eu aprendi a ouvir também. Então eu imaginava através da voz como seria a personagem. Então havia um programa assim, entrevista com Urbano Reis, eu também imaginava, Urbano Reis devia ser um senhor loiro, bem senhor, por causa da voz dele. Havia Cartas de Amor à noite, que era do Waldemar Cigliani, eu também imaginava um homem robusto, alto, com um vozeirão. Então imaginava. Era doída pra conhecer como é que seriam as pessoas que tinham aquela voz, que tinham aquele timbre. O meu tio, esse meu tio Primo que era o meu padrinho, quando ele comprou uma televisão, eu via pelo rádio que tal artista ia aparecer na televisão, eu falava: “Pai, eu vou até lá”. Ia correndo, quer dizer, à noite, podia ir até à noite, saía correndo, ia até a casa dele pra ver como é que era a imagem dele e voltava pra casa. E era assim. Mas eu ficava em casa. Bastante em casa.

P/1 – Tinha comemoração na sua casa assim tipo Natal, aniversário?

R – Tinha. Com essa minha família, a minha tia Tereza, o meu tio Primo, a Odete, o Reinaldo. No Natal eles vinham em casa. No Ano Novo nós íamos a casa deles. Era sempre assim. Agora, nos outros dias, nas antevésperas a gente visitava os avós, íamos passear, por exemplo, nos domingos na casa da minha tia que morava... Eu tinha tia que morava na Fernando Falcão que era na Mooca, a gente ia a pé, visitava a minha tia. Ou íamos pra São Caetano, que era a minha outra tia. Então a gente tinha esse hábito. A minha mãe era muito ligada às irmãs dela e nós íamos fazer as visitas. Era família italiana que é muito ligada, todo mundo se amava muito, era o pai e a mãe. Era assim. Meu avô. A gente ia muito a casa do meu avô. Meu avô que morreu, meu avô materno. Meu avô materno, o Arturo ele morreu com 96 anos. Então até o último momento a gente ia visitar toda semana o meu avô, que continuava falando em italiano. Não falava português.

P/1 – Você teve alguma formação religiosa?

R – Então, a minha... Foi assim, a minha mãe é italiana como todo italiano... A minha mãe era uma católica que ia de vez em quando. Sabe como é que é? Nos eventos. E meu pai que não se dizia religioso, quando ele faleceu eu fui mexer nos documentos dele, achei tudo quanto era santinho. Um monte de santinho que eu tenho até hoje. Até hoje. Na Juvenal Parada, onde hoje fica o Armando Araújo, em frente tinha uma igreja metodista, protestante. Eu ouvia bater palma, cantar, eu falava que queria ir lá. Minha mãe falava: “Não. Eu não posso entrar nessa igreja. Eu nunca entrei numa igreja diferente da minha, eu não posso te levar”. Então veja você, quando eu entrei no grupo escolar como ouvinte, as carteiras eram duplas. A minha colega do lado, Zuleica, convidou-me pra eu ir a igreja que justamente era essa da Juvenal Parada. Ela falou: “Você me espera na esquina que eu passo com o meu pai e com a minha mãe, pego você e te levo”. Meu pai ficou na esquina, na Rua Oratório, no domingo ela passou por lá e me levou. Aí eu fiquei muitos anos na igreja metodista.

P/1 – Você foi por conta própria?

R – É.

P/1 – Sua mãe não achava ruim?

R – Não. Nunca achou ruim. Eu cantava no coro, fui secretária da igreja, fiz parte duma sociedade, que havia um grupo de jovens que possuía uma sociedade, fui lá secretária, participei. Fui a acampamento com eles, que naquele tempo os jovens dessa igreja metodista acampavam. Então eu acampeei na praia em barracas com cem jovens, tomando... Hoje em dia, eu vou dizer pra você, o Cesar me disse que a minha profissão devia ser sanitária porque: “Lavou a mão? Pega esse pano. Caiu no chão. Vamos lavar”. Sou toda cuidadosa com a higiene. Naquela época eu tomava banho no rio, comia em panela que tinha sido lavada no mar, deitava numa barraca que não tinha proteção nenhuma, ser duas partes de lona assim. Deitava na areia, colocava um jornal com lençol e acabou. Aí minha amiga: “Janete, pode ter alguma cobra por aí?”. Eu nem tinha essa impressão. Nem ficava com essa impressão que teria uma cobra.

P/1 – E na escola? Você ia a pé? Como é que você ia à escola quando você entrou?

R – No grupo? É. Sempre a pé. Era pertinho.

P/1 – E que lembranças você tem, professores que te marcaram?

R – Todos. Então, a do primeiro ano era a Cecília. Lindíssima. Tailleur, cabelo superarrumado, uma blusa com laços, brincos, batom. Eu lembro a figura dela explicando a independência do Brasil. Eu amava o Dom Pedro. Como é que alguém podia ter feito levantado a espada e gritado: “Independência ou morte”. Era a Cecília. A Iracema era uma professora não tão rígida, parecia mais uma mãe, uma irmã. O terceiro ano Iris, não era tão elegante, mas era também elegante. Quarto ano também a Iris. Então todos os meus professores marcaram a minha vida do primário. Todos. Posso te dizer. A escola era muito importante pra mim. Aí aconteceu o seguinte, como eu tinha entrado como ouvinte, entrado com seis anos no primeiro ano, eu não tinha idade pra passar pro ginásio. Não tinha a idade necessária. Então eu fiz um ano de admissão. Aquele dito admissão. Aí meu pai colocou, o admissão era pago, infelizmente. Mas ele falou: “Eu vou pagar, é uma mensalidade barata e é pertinho de casa”. É o São Judas, Colégio São Judas Tadeu na Rua Clark, que também eu podia ir a pé. “Você faz esse um ano, depois você faz uma prova já pra escola do estado”. Tá bom. Fiz um ano lá. Eu ia a pé, estudava. Aí o meu pai dizia o seguinte: “O problema é o seguinte, você vai estudar enquanto você tiver boas notas. Se você não tiver, você vai trabalhar. Porque é assim”. Tá bom. Então eu sempre me preocupei muito em ter as notas, porque eu sabia do sacrifício que o meu pai fazia pra eu estudar. E fiz um bom curso de admissão. E quando é que eu tomei ciência e consciência de que eu realmente sabia ler? O meu professor do admissão, o nome dele era José Altenfelder, Silva Altenfelder. Um senhor bem idoso, já aposentado do estado, de óculos. Aí ele pediu, eu estava sentada na primeira carteira, ele falou: “Leia”. Ler é o normal, como toda criança com dez anos tem que saber ler. Daí ele pediu que eu lesse, eu li, ele falou: “Puxa. Você leu como gente grande”. Foi a primeira vez que eu tomei consciência de que realmente eu sabia ler, porque ninguém até... A não ser... Não. Você sabe que naquela época no grupo escolar, eu sempre conto isso na escola, porque eu dei aula minha vida inteira. Eu sempre percebi o seguinte, em uma determinada época não se mandava criança ler. Não se mandava criança ler. A criança aprendia, escrevia, mas não lia. Na época de grupo escolar, pra você tirar seu diploma você tinha prova de leitura. Por isso que eu brinquei com ele: “É prova oral”. O diretor, o diretor ia a sala e mandava você ler, dava cinco minutos pra você ler um texto desconhecido, você sentava na primeira carteira, lia uma leitura silenciosa, depois ele te chamava aí você lia em voz alta com entonação. Ele fazia umas perguntinhas pra você. Lembro-me tão bem, tinha uma palavra, a palavra mendigo e lá no texto estava escrito mendigo numa conversa, num diálogo. Aí ele brincou comigo e falou: “Parece que a pessoa desconhecia a palavra.”. Eu sem perceber muito falei: “É verdade”. Olha como as coisas marcam. Tantos anos... E havia prova de leitura. Então quando esse professor disse: “Puxa, você lê como gente grande”. Eu falei é verdade, por isso que eu passei então na minha prova do quarto ano primário. É isso. E aí fiz o curso de admissão, entrei pro ginásio. Meu pai todo temeroso, nisso ele era muito cuidadoso, a escola do estado mais próxima era aquela escola Firmino de Proença, lá embaixo na baixa Mooca, onde o Serra também estudou, Firmino de Proença. Você estudou lá? Não acredito. Que delícia. Era a melhor escola do bairro, mas aí tinha a bendita estação do trem. Lá não tinha... Você é o seguinte, o ônibus ia e parava, mas ele parava um tempão, você não sabia quanto tempo parava o ônibus antes (corte) na linha do trem. E meu pai todo: “Ah, a Janete...”. Eu era magrinha. Hoje em dia eu continuo não muito gorda, mas eu era pequenininha. “Ela vai pegar o ônibus. Ela vai sozinha. Ela vai lá naquele fim de mundo. Não. Eu vou pagar o primeiro ano ginásio, ela vai pro São Judas”. Fiquei. Mas aí ele não tinha condições de pagar, ele falou pra mim: “Você vai prestar uma prova no Firmino de Proença do primeiro ano do ginásio pro segundo ano”. Eu fui. Fiz a prova e passei. Aí eu ia estudar no Firmino de Proença. Mas na hora que meu pai foi pedir a minha transferência o diretor, Alberto Mesquita de Camargo: “Não. Deixa a Janete aqui, seu Bruno. Eu dou uma bolsa de estudos pra ela”. E eu chorava que queria ir pro Firmino de Proença. E minha mãe: “Não seja mal criada, menina, ele tá oferecendo uma bolsa de estudos e você está não querendo essa bolsa?”. Eu queria ir pro Firmino porque meu sonho era estudar no Firmino de Proença. E até hoje, viu? Eu sinto mágoa de não ter ido pro Firmino de Proença. E fiquei no São Judas.

P/1 – Você tinha uma bolsa integral?

R – Integral. Que foi um, eu vou dizer uma coisa pra você, ter essa bolsa foi um fardo porque eu não podia ter nota baixa. To certa? Eu não podia tirar uma nota vermelha. Então eu tinha que estudar. Eu fiquei sem alternativa. Nem querer estudar um pouquinho menos, eu não tive essa chance. Eu tinha que estudar senão perdia a bolsa. E aí como é que ficava a minha família? Se eu tivesse no Firmino, ficasse reprovada, fiquei reprovada. Acabou. Não to pagando nada. Mas agora com esse fardo eu tinha que estudar. Foi esse o problema. Eu sempre falo isso, viu? Minha vida teria sido diferente se eu tivesse ido pro Firmino.

P/1 – E como é que era seu lazer, suas brincadeiras?

R – Brincava na rua. Não tinha grandes problemas. Eu estudava e brincava na rua. Tinha a igreja, a igreja metodista tinha muito lazer, tinha muito jovem, nós acampávamos, meu pai nunca se incomodou com isso. Acampava na praia, a gente participava de culto. Às vezes eu era até professora dos pequeninhos depois, ajudava com a criançada na igreja, na escola dominical, cantava no coro. Eu tinha uma vida normal assim, sem grandes luxos, sem grande... Ah, mas eu ia ao cinema. Cinema. O meu pai tinha um mérito, ele gostava de cinema e no bairro havia muitos cinemas. Então você tinha o Imperial, o Patriarca, o Icará, o Moderno, o Safra. Você tinha cinco cinemas, cinco chances, cinco possibilidades.

Era assim, no sábado à tarde eu dava um giro em todos os cinemas, marcava todos os filmes que iam passar, depois a gente escolhia e nós íamos ao cinema no sábado à noite ou na matinê no domingo. Então eu adoro filme até hoje. Adoro cinema. Então isso eu acho que meu pai me passou esse gosto por cinema.

P/1 – Você tem filmes que tenham te marcado daquela época?

R – Eu tenho filmes que me marcaram, sim. Eu lembro que eu assisti Rebecca, até lembro o cinema, Icarai. E eu sem saber, eu não ligava pra nome de diretor, mas o ator era o Laurence Olivier. Eu assisti ao filme Rebecca e fiquei tão impressionada com aquele filme, tão impressionada, sem saber que o diretor era o Hitchcock. Não sabia que ele era tão importante, ou ia ser tão importante dentro do cinema, dessa indústria do cinema. Que ele era um mestre do suspense. Mas eu me impressionei. Quando eu fiquei mais velha é que eu fui descobrir que ele era o diretor, aí eu entendi porque eu fiquei tão impressionada com o filme, porque é um filme bom. Realmente Rebecca foi. Foi um filme que me impressionou. Naquela época eu não sabia nada de filme.

P/1 – E músicas? O que você escutava?

R – Ah, música. A gente ouvia muito rádio. Ouvia tudo. Ouvia qualquer coisa. Música eu sempre gostei. Gostava de samba, de chorinho. Eu cantava músicas sem entender o significado, então eu ouvia Francisco Alves, por exemplo, e cantava Dama do Cabaré, aquela: “O cabaré se inflama quando ela dança”. Eu cantava sem entender o significado daquilo. Como é que o cabaré se inflama quando ela dança. Nem sabia o que era isso. E cantava música do Francisco Alves, do João Dias, do... Cantava qualquer música. Ah, Angela Maria, por exemplo, a primeira gravação dela que eu me lembro, que era Orgulho. Ah, cantava de fio a pavio, porque eu gostava de cantar. Aliás, eu amava cantar. Você lembrou uma coisa que eu tinha esquecido. Aliás, brincadeira de cantar é a coisa que eu mais gostava. Vamos brincar de cantar? Estava eu. Cantava qualquer coisa, tanto é que cantava no coral da igreja. Cantava no coral da igreja. E brincava de cantar também na rua.

P/1 – Qual que é uma da Angela Maria que você lembra?

R – Orgulho? Você conhece?

P/1 – Qual que é? Canta um trequinho.

R – É assim: “Tu me mandaste embora, eu irei, mas comigo também levarei o orgulho de não mais voltar”. Conhece? “Mesmo que a vida se torne cruel...”. Acho que foi uma das primeiras gravações dela.

P/1 – E da adolescência, quer dizer, você disse que acampava com o pessoal da igreja. Tinha bailinho? Tinha...

R – Acampava com o pessoal da igreja. Na escola. Bailinho da escola. A escola, o São Judas, era uma escola assim, ela era uma escola nova, então sempre tinha uma festividade. Sempre tinha uma festividade. Então havia bailinhos, havia comemorações, todo dia 28 de outubro, que é o dia de São Judas, tinha a missa campal. Sempre tinha algo na escola que você podia participar. Até lembro que a gente até ia a escola um sábado, às vezes você queria uma escola limpa, nós íamos a escola. A escola era uma continuidade da sua família, na realidade. Isso tinha vantagem do São Judas. Alguém brigou comigo, falou assim, um colega meu do São Judas: “Janete, eu estudei...” ele falava pra mim, meu colega Sérgio “Janete, eu estudei no Firmino, era uma escola fria. Tinha um bedel lá na escola. Você não podia nem virar pra trás. Ainda bem que você não foi estudar no Firmino”. E o São Judas tinha essa vantagem, por ser uma escola pequena você conhecia o diretor, a diretora, os filhos do diretor, a família. Sempre tinha festividade, você participava de jogos, você sempre estava presente na escola. Havia conferências. Lembro que meu diretor, ele era professor de latim, foi meu professor de latim também, Alberto Mesquita, tá falecido, foi meu professor de latim, ele falou: “Janete, olha, nós vamos fazer uma tarde de conferências. Eu vou te dar um livro, você vai ler, você pode resumir, e você vai falar sobre esse assunto Mulheres célebres do Brasil”. E foi numa dessas tardes de sábado aí que eu falei sobre as mulheres célebres do Brasil. Então graças a ele que realmente me incentivou nessa parte. Mas sempre fui muito tímida, não sou de falar em público, estou falando porque são pelo menos duas pessoas aí só. Se tivesse mais uma já não ia ficar bem.

P/1 – E na sua adolescência, você tinha algum desejo: “Quando eu crescer eu quero ser tal coisa”?

R – Não sei se eu tinha. Eu sempre quis estudar. Gostava de estudar, não sei se eu queria ser professora ou não, mas assim, vontade não. Acho que tinha sonhos de estudar. Isso é verdade. Nada além disso.

P/1 – Aí você fez o ginásio inteiro no São Judas e o colegial também?

R – Tudo no São Judas. Tudo no São Judas.

P/1 – Você fez o que? Clássico?

R – Eu fiz científico.

P/1 – Científico?

R – Científico. Aconteceu o seguinte, é que... Então, eu terminei o ginásio, aí eu fui fazer o primeiro colegial. O primeiro e o científico. O diretor falou assim pra mim, eu tinha o que? Quinze anos? É. Quinze anos. “Olha, eu tenho um curso de admissão. Eu vou te dar umas aulas pra você dar

no curso de admissão.” “Eu confesso a você que eu me senti um pouco despreparada. Porque enfrentar uma sala de aula não é fácil.” “Não, mas eu coloco fé em você”. Aí além de ganhar a bolsa ele me pagava pra dar aula nesse curso de admissão. Eu comecei a dar aula, eu me lembro do primeiro dia que eu comecei a dar aula, caiu um toró, um toró. Eu entrava às três horas. Era perto da minha casa, chovia, eu tinha uma saia azul que molhou por causa do toró, mas fui assim mesmo. Com barra molhada, mas fui. Tremia mais que os alunos. Eu tremia pra dar essa primeira aula. Mas aí eu comecei, comecei a dar aula no curso de admissão lá no São Lucas mesmo.

P/1 – Quando você estava no científico?

R – No científico. Comecei a dar aula lá.

P/1 – Dava aula do que?

R – Nesse momento eu dava aula de matemática. Depois eu dei aula de português, depois de história. E dava. E foi indo.

P/1 – Foi seu primeiro trabalho?

R – Primeiro trabalho.

P/1 – E você recebia?

R – Não. Eu tive outro trabalho antes desse, não esqueça que eu ajudava a minha mãe a colar saquinho. E não era pouco, não. Eu tinha horas de trabalho. Quando eu estava na sexta série, que seria hoje a sexta série, que era segunda série do ginásio, então eu tinha 12 anos, os meus coleguinhas de classe falavam: “Janete, você não quer ajudar a gente? Nós estamos com dificuldade.” “Ah, tá bom. Eu ajudo”. Então comecei a ajudá-los. A gente tomava um.. Ia a casa de um, tomava um chá, tomava um bolo. Depois de um tempo eles falavam assim: “Janete, mas eu acho que você merece ganhar alguma coisa”. Aí eles começaram a me dar simbolicamente alguma coisa. Os pais deles quiseram me dar. Porque eu passava uma tarde ajudando os filhos, as crianças, os jovens da minha idade com 12 anos, 12, 13 anos também. Eu falei: “Que bom?”. E aí eu comecei a receber. Meus primeiros salários foram com 12 anos. Primeiro salário oficial foi com 15 dando aula no curso de admissão. Daí pra frente eu só trabalhei. Então se eu tenho 71, vamos colocar 70, você faz a conta quantos anos dão de trabalho. Tudo isso.

P/1 – Aí depois do curso de admissão, quer dizer, você foi se tornando naturalmente professora.

R – Naturalmente professora. Até que um dia a minha vizinha falou assim pra mim: “Dona Maria...” era minha mãe “A minha sobrinha trabalha numa agência de turismo. Será que a Janete não gostaria de trabalhar lá?”. A minha mãe falou: “Ah, vai gostar sim. Ela vai mudar”. Lá fui eu. Deixei de dar aula, eu tinha o que? Dezoito anos. E fui pra essa agência de turismo Spark. Ficava, porque ela fechou, ficava na Braulio Gomes. Braulio Gomes, perto da biblioteca Mário de Andrade. Aí eu comecei a trabalhar na agência de turismo. Eu era muito ingênua. Tanta coisa que eu não sabia, que eu comecei a aprender naquela agência. Porque minha vidinha era muito familiar. Era escola, que era família, era igreja que era atrás de casa e a minha família. Então o mundo começou a ampliar quando eu entrei na agência de turismo. Comecei a ver o mundo sob outra perspectiva. Aí eu fui trabalhar com navios. Nós representávamos uma companhia judaica, a Zim Israel Navigation Company. E aí comecei a trabalhar com navios que vinham de Israel, eles faziam o mediterrâneo. Eles saíam de Haifa iam pra Itália e voltavam. Aí veio o primeiro navio judeu da companhia pro Brasil, o Theodor Herzl, ele veio aqui e eu estava trabalhando lá na Spark. Aí minha vida começou a ter outra visão.

P/1 – Você fazia o que lá?

R – Vendia passagem de navio do Brasil pra Europa e depois a gente fazia conexão Europa, Israel, que tinha essa linha, a Zim, que fazia essa conexão.

P/1 – E você tinha vontade de viajar pra conhecer esses lugares?

R – Eu tinha, mas nunca podia por quê? Porque dinheiro eu não tinha. Eu tinha uma porcentagem de, digamos assim, de desconto, mas eu iria sozinha? Não. Eu não iria. Então acabei não indo. Mas aí eu conheci uma pessoa que foi muito importante na minha vida, que foi a minha amiga Guiomar. Ela trabalhava com o turismo local em São Paulo. Nós não trabalhávamos na mesma sala, eu trabalhava numa, ela trabalhava em outra. Quando eu entrei ela pensou, ela me contou isso depois: “Quer saber de uma coisa? Eu não quero fazer amizade com mais ninguém nessa agência, que toda vez que eu faço amizade...” esse é o pensamento dela “não dá certo. Essa moça entrou, é mais uma que entra e acabou-se”. Mas eu na minha inexperiência eu to falando, era um mundo novo que se abria, eu tinha necessidade de falar com as pessoas. E fui conversando com a Guiomar, perguntando as coisas pra ela e de repente ela viu que eu podia ser uma amiga dela. E aí começou a nossa amizade. Nossa amizade começou ali. Começou ali e foi até que ela morreu. Ela era mais velha que eu, eu lembro que um dia ela falou assim: “Janete, tá havendo uma excursão do Rio pra Salvador, fim de ano. Eu já falei com nosso gerente, ele não quer fazer propaganda. É de uma agência do Rio chamada Camilo Cam. Vamos fazer o seguinte, vamos colocar um anúncio no jornal, meio a meio, nós colocamos com o nosso dinheiro. Vamos ver o que dá.” “Tá bom”. Colocamos o anúncio no jornal, foi o maior sucesso. Vendemos tanto, tanto que aí o nosso chefe, nosso gerente falou: “Olha, vocês podem inclusive ir pra essa excursão porque vocês só me deram lucro”. E foi uma coisa boa, uma parceria que deu certo, eu versus Guiomar. E fomos. Realmente participamos da excursão, que era de navio, era um navio brasileiro.

P/1 – Até onde que foi?

R – Foi até Salvador. Era o réveillon. Nessa viagem estava até o marido da Maysa, ex-marido da Maysa, ele comprou passagem comigo, o

André Matarazzo. Ele foi nessa excursão.

P/1 – Foi com ela?

R – Não. Ele já era separado dela. Eu acho que ele foi com uma miss aí. Eu não sei quem era a mulher dele na ocasião. Eu não era muito ligada nessas coisas na ocasião. Mas ele foi.

P/1 – E aí você trabalhava na agência, já tinha acabado de estudar o colégio.

R – Então, eu tinha terminado o colégio, aí estava na agência, não dava mais aula. Trabalhava o dia inteiro na agência. Agora aconteceu uma coisa interessante, eu resolvi prestar o vestibular. Prestar o vestibular. E prestei o vestibular na USP ali que ficava na Maria Antônia.

P/1 – Pra Filosofia?

R – Pra Letras. E eu lembro que eu trabalhava, não sabia nem ir a Maria Antônia, quem fez a inscrição pra mim foi um amigo meu, que era do São Judas, sobrinho do diretor, ele era também... Toninho. O apelido dele era Toninho, era Antônio Mesquita também, ele falou: “Janete, eu faço a inscrição pra você. Você vai. Você vai só no dia da prova.” “Tá bom. Eu vou”. Não sabia nem ir a Maria Antônia, perguntei como é que chegava lá, hein, olha como é que eu estava animada. Fui lá a pé pela Consolação e fui fazer a prova. Aí passei noturno, eu falei pra ele, a gente faz exame oral, fazia o exame oral naquela época na USP, hein. Acabei entrando no noturno, aí ficou difícil pra mim, eu trabalhava o dia inteiro, estudava à noite. Muito cansativo. Eu ficava muito cansada. Muito cansada. Não tinha nem tempo de estudar, pra dizer a verdade. Foi difícil. Imagina se eu não fiquei em dependência numa das matérias já. Não tinha tempo de estudar, vivia com sono. Eu to na agência num dia, porque a agência ficava embaixo, eu trabalhava no primeiro andar, eu to na agência, eis que passa o professor Mesquita pela agência. O dono do São Judas. Ele me vê e fala: “O que você faz aqui?”. Eu falei: “Trabalho.” “Ah, preciso falar com você. Eu tenho um emprego pra você. Preciso de alguém de confiança pra trabalhar na direção da escola.” “Tá bom”. Eu tinha o que? Vinte anos. É. Vinte, 21, por aí.

P/1 – Você morava com os seus pais?

R – Morava.

P/1 – Você namorava?

R – Nada muito... Esporádico assim. Nada oficial. Nada. Ele me deu esse... Aceitei o emprego dele, mas perguntei pro meu gerente se ele me dava possibilidade de trabalhar só a tarde na agência. Ele falou: “Tudo bem”. Olha, nem sei como é que é isso, é por Deus mesmo, acho que tem... Quando Deus abençoa, abençoa e ponto final. Tá certo? Eu ficava de manhã no São Judas, na direção da escola, a tarde eu ia pra agência e à noite eu ia estudar. E foi assim durante um tempo, até que eu saí da agência, fiquei só na escola, no São Judas e estudando. Foi assim.

P/1 – Você fazia o que no São Judas exatamente?

R – Então, eu trabalhava... Eu ficava junto com a direção. Verificava horário de professor, verificava se havia alunos indisciplinados. Eles me respeitavam, viu? Naquela época quando a diretora do primário, havia primário, ficou de licença gestante, eu fiquei no lugar dela, eu só aparecia na porta eles faziam fila, o maior silêncio. Às vezes fazia fila pra entrar e no maior silêncio. Eles me respeitavam como se eu fosse uma autoridade. Gozado. Hoje em dia você entra na sala de aula, olha, é difícil, viu? Não é fácil, não, dar aula. E eu fiquei no São Judas esse tempo todo lá, verificava, dava apoio, dava apoio apesar de ser jovem eu dava apoio pro professor com alunos indisciplinados, conversava com a família. Bom, eu fazia... Como assistente do diretor eu já trabalhava naquela época, mas não ganhava como tal, não pense você. Mas era uma experiência boa pra mim. Então foi aí que ampliou, meus horizontes se ampliaram, eu fiz parte de um grupo, vamos dizer assim, grupo de teatro entre aspas. Chamava Ângulo. Ângulo. E a gente... Nós nos apresentamos em Mogi das Cruzes, a gente tinha um jogral, cantava. Meu namorado nessa ocasião tocava violão. Então a gente cantava, fomos pra Laranjal Paulista apresentar o show. Nossa, como tem coisa na vida da gente, hein, que eu nem lembro mais. Mas uma época boa que eu me diverti muito.

P/1 – E esse seu namorado foi o primeiro namorado que você teve?

R – Não. Foi o segundo. Era muito musical demais, tocava mais violão do que outra coisa. Mas ele gostava de tocar violão. Tocava. Até uma música que fez pra mim, olha que delícia.

P/1 – Como que era a música?

R – Você tem coragem de perguntar isso pra mim? Como é que era? Era assim: “Pelas ruas vou andando sem você, pararam dan tan. Esse samba eu vou cantando sem você que é alguém de ninguém, tananananana”. E por aí vai.

P/1 – E você continuava na agência, na São Judas...

R – Aí não. Já tinha saído da agência, fiquei só no São Judas...

P/1 – E estudando à noite.

R – Estudando à noite.

P/1 – Aí depois que você se formou...

R – Aí me formei... Então, aí me formei foi uma coisa boa que me aconteceu, quando eu estava na USP nós fizemos, era obrigatório, o estágio no Colégio de Aplicação da USP mesmo. Você tinha que fazer obrigatoriamente, você tinha que fazer necessariamente estágio nesse colégio pra você conseguir o diploma. Esse colégio ficava na Gabriel dos Santos, que é uma travessa da São João. Eu fiz estágio lá. Dei aula, a gente era obrigada a dar aula e receber uma nota pra poder terminar o curso de Letras. Eu lembro que nós fizemos, todos deram aula, depois eu me formei e comecei a dar aula no São Judas. Dar aula efetivamente como professora.

P/1 – Mas aí você saiu daquele cargo que você tinha?

R – Saí. Saí e a minha professora de prática de ensino, a minha professora... Nós íamos no Diário Oficial, nós íamos no Diário Oficial, estava aberto um concurso pra dar aula no Colégio Aplicação da USP. A minha amiga, Cida, ligou pra mim e falou: “Janete, vamos fazer. Vamos fazer esse teste aí. Vamos ver, quem sabe a gente passa”. Nós fomos. Vamos lá. Depois eu falei pra ela: “Cida, acho que não vale a pena. É tão longe de casa. Não. Não vale a pena”. Não dava. E nem continuei a prestar o concurso. Voltei pro São Judas dar aula normal e um belo dia a professora da prática de ensino ligou pra escola e disse que gostaria de fazer uma entrevista comigo. Lá fui eu fazer a entrevista. Ela gostou da entrevista, convidou-me pra dar aula no Colégio Aplicação, eu deixei o São Judas, fui dar aula no Colégio Aplicação da USP. Fiquei três anos lá no Colégio Aplicação.

P/1 – Sem precisar prestar concurso?

R – É. Só com entrevista. Aí sim foi uma escola pra mim, que aí os alunos eram alunos brilhantes, o Colégio Aplicação. Porque pra você entrar no Colégio Aplicação você tinha uma prova difícil, você tinha a elite estudantil no Colégio Aplicação. Elite estudantil mesmo. Que, aliás, os professores, com essa elite os professores não concordavam. Achavam que no Colégio Aplicação deveria entrar todo mundo. Devia ser uma prova simples e todos poderiam ter acesso a essa escola de aplicação, e não só os melhores alunos. Não só os melhores alunos. Então, depois até mudou o regime, o sistema de admissão pra poder entrar nessa escola. Depois mudou. Aí ficou diferente, mas aí essa escola foi uma escola mesmo, porque eu tinha que estudar muito pra dar aula, os alunos eram ótimos, alunos brilhantíssimos, alunos que depois... Alunos de famílias muito ricas de São Paulo, de desembargador, advogados, donos de Fotóptica, gente que tinha, financeiramente falando, o nível muito elevado. Mas pra mim foi ótimo porque eu aprendi muito. Foi aí que eu aprendi mesmo.

P/1 – Aí por que você saiu de lá?

R – Saí de lá porque depois não houve mais possibilidade de continuar porque eu resolvi, eu prestei concurso no estado, aí eu comecei a dar aula na Mooca, no alto da Mooca, eu ingressei, fui pra Mooca dar aula na escola no alto da Mooca, na Rua Natal. Aí eu dava aula na Rua Natal, dava aula no São Judas à noite, era um tempo muito corrido. Muito corrido.

P/1 – Você que quis sair do Aplicação?

R – Eu saí do Colégio Aplicação. Porque também mudou o regime, o sistema, o funcionamento da escola mudou, então eu não poderia continuar mais lá. Eu tive que optar, eu fiquei no estado mais perto de casa. E no São Judas. Depois acabei ficando no estado. É, foi...

P/1 – Aí você continuava morando com os seus pais?

R – É. Aí eu casei...

P/1 – Como que você conheceu o seu marido?

R – Na igreja. Na igreja. Num congresso de jovens em Lins. Depois eu casei, continuei dando aula na Mooca.

P/1 – Você casou e foi morar aonde?

R – Eu continuava ali morando na Mooca mesmo. Nós reformamos uma parte da... Tinha duas casinhas, esse terreno era pequeno, mas aí nós construímos uma casinha no fundo, eu fiquei morando na frente, meu pai ficou morando no fundo. Eu sou muito ligada a minha mãe na realidade. Eu era muito ligada a minha mãe. Também não podia deixá-la sozinha. Bom, por um tempo eu deixei, que depois eu fui morar em Brasília, fui morar em Belo Horizonte, depois eu voltei pra São Paulo.

P/1 – Como é que foi o casamento?

R – Como assim?

P/1 – Vocês casaram na igreja?

R – Não. Casamos só no civil em Curitiba.

P/1 – Em Curitiba? Por quê?

R – É. Curitiba. Não sei. Tem dez irmãos. O lugar mais central seria Curitiba. Então a gente casou em Curitiba. Não casamos na igreja, casamos só no civil, fizemos uma almoço na Santa Felicidade. Só. Foi muito simples.

P/1 – O que ele fazia?

R – Ele é arquiteto. Arquiteto.

P/1 – Quanto tempo vocês foram casados?

R – Vinte anos.

P/1 – Teve filho?

R – Nós tivemos dois filhos, a Elisa e o Afonso.

P/1 – A Elisa tem quantos anos?

R – A Elisa nasceu em 75. Então vai fazer, fez 38.

P/1 – E o Afonso?

R – O Afonso é quatro anos mais jovem.

P/1 – Como foi ser mãe?

R – Como é que é?

P/1 – Como é que foi essa experiência de ser mãe?

R – Eu gostava muito. Foi ótima. Eu também era muito severa, de vez em quando ela me cobra alguma coisa, viu? “Lembra aquele dia, mãe, que você não quis me levar no show que você queria dar aula?”. Porque eu sempre muito responsável. Falando em trabalho, eu acho que é uma herança, eu lembro que eu comentei com a minha mãe o seguinte, minha mãe já bem doente, eu falei assim: “Uma herança que eu recebi do meu pai foi a responsabilidade pelo trabalho”. Isso é uma herança que ele me deixou, porque eu fui sempre, talvez por causa daquela bendita bolsa de estudos que eu ganhei e que eu fui responsável a vida inteira, isso aí se arrastou até hoje, se você quer saber. É uma coisa que é uma responsabilidade, mas meu pai também era assim. Meu pai era exatamente assim, entendeu? Ele era com o trabalho. E eu recebi essa herança. Então hoje eu falei com ela, ela falou: “Mãe, você lembra aquele dia que você não quis me levar...” acho que era o New Order “porque você tinha que dar uma primeira aula que você tinha marcado uma prova? Pois é. Eles vão vir o ano que vem em abril e agora, veja bem, mãe, você fica com a Cristina porque eu vou ver o show. Assistir ao show”. Falei: “Ótimo. Então vá. Vou pagar a minha dívida com você”. Tá certo.

P/1 – Aí você casou, você ficou morando na Mooca...

R – É. Mas depois... Um tempo, até uns dois anos.

P/1 – O que mudou na sua vida depois de ter os filhos? Como você conciliava?

R – Eu continuei trabalhando. Continuei trabalhando, depois eu fui pra Brasília onde eu trabalhei só um pouquinho.

P/1 – Por que você mudou pra Brasília?

R – O trabalho do meu marido. Ex-marido. Ele foi pra lá trabalhar, depois nós fomos pra Belo Horizonte, ele foi a trabalho também, aí o Afonso nasceu.

P/1 – Como é que foram essas mudanças de cidade?

R – Foi boa. Brasília eu amei de paixão. Amei de paixão porque todo mundo era uma pessoa sem pátria. Todo mundo era de fora, todo mundo era um migrante. A visinha veio de Belo Horizonte, a outra tinha vindo de Espírito Santo, a outra vinda não sei de onde. E a gente se reunia, pulava até carnaval porque todo mundo queria falar com o vizinho. Porque você ficava muito sozinha. Acho que na primeira semana que eu fiquei lá eu até chorava: “Gente, eu não conheço ninguém nessa terra. Gente, eu não tenho nem uma empregada, eu não tenho ninguém. Como é que eu faço as compras? A Elisa que fica em cima do meu pé, ela não sai do meu...”. Ela não sai, ela tinha dois aninhos, eu ficava na pia ela colocava os pezinhos aqui, a barriguinha aqui na minha, aqui, e eu fazendo as coisas, ela aqui, literalmente ela não tirava, saía do meu pé. Sinto a falta da família, de brincar, eu morava em apartamento. Eu falei: “Quero voltar pra casa. Eu sinto falta do meu lar, da minha família”. Mas depois me acostumei. Foi ótimo. Foi ótimo.

P/1 – Você ficou quanto tempo lá?

R – Um ano e pouco. Depois fomos pra Belo Horizonte.

P/1 – Aí depois?

R – Belo Horizonte. O Afonso já tinha nascido, o Afonso, eu também cuidava do bebê, da Elisa, tinha muito cuidado, tinha que cuidar dos dois. Mas eu confesso a você que em Brasília também eu tive... Eu acho que isso me marcou, porque eu devo ter marcado a vida de alguém também. Até tinha uma menina que morava, ela era de Paracatu, ela morava em Brasília como empregada, eu consegui que ela fosse pra minha casa. Ela falou: “Dona Janete, eu nunca vou esquecer a senhora”. Eu dava aula particular pra ela à noite. Não. Ela estudava à noite no colégio de freiras, ela era fraca em matemática, eu dava aula particular de matemática pra ela. Então: “Janete, eu nunca vou esquecer a senhora”. Quando eu fui pra Belo Horizonte ela ficou receosa de ir comigo, mas a irmã dela, filha da madrasta dela, foi comigo. A Nice foi comigo pra Belo Horizonte e ela ficou. Mas um dia que a escola dela, era uma escola de freiras, foi fazer uma viagem a Belo Horizonte ela foi me visitar. E quando ela trabalhava comigo ela quebrou uma terrina, ela quebrou. E não é que quando ela foi pra Belo Horizonte ela foi levar de presente pra mim a terrina? Acredita que eu tenho até hoje? Acredite. E ela me escrevia: “Ah, dona Janete, a senhora marcou a minha vida, porque eu passei, tirei diploma graças a senhora”.

P/1 – Ela te escrevia?

R – Escrevia. Porque ela tinha muita dificuldade. Eu ajudava a Neide. Ajudava na escola. Ajudava a estudar a tarde.

P/1 – E lá você dava aula, ou não?

R – Em Brasília eu dei aula só seis meses. Eu dei aula seis meses. Era ali perto. Era um ensino estranho, mas enfim já dei. Belo Horizonte, não. Belo Horizonte eu fiquei muito mais isolada. Eu não sentia que mineiro assim tão fácil de fazer amizade. Eu não consegui fazer amigos em Belo Horizonte, não. Não consegui.

P/1 – Você ficou quanto tempo lá?

R – Fiquei mais uns seis, sete... Quase um ano também. Quase um ano.

P/1 – Aí você voltou pra São Paulo?

R – Voltamos pra São Paulo. Aí eu brincava...

P/1 – Lá na Mooca?

R – Eu falava assim: “Eu tenho saudade da 25 de Março. Eu tenho saudade do meu bairro de italianos que eu falo com as pessoas”. Aí voltamos, aí fui morar na Vila Mariana...

P/1 – Vocês compraram uma casa?

R – Era apartamento alugado. Depois nós fomos...

P/1 – Por que na Vila Mariana?

R – É ali perto da...

P/1 – Mas por que lá?

R – Ah, porque era perto de onde ele trabalhava, Retroservice. Trabalhava ali perto, ia a pé. E depois nós fomos pro Brooklin onde eu estou até hoje.

P/1 – E aí você voltou a dar aula?

R – Aí, bom, em que ponto que eu parei? Falei pra você de quando eu vim pra São Paulo.

P/1 – Vila Mariana.

R – Ah, mas tenho que te contar a história da Nice que foi comigo pra Belo Horizonte. A Nice que era filha da madrasta da Neide veio comigo pra São Paulo, mulher aventureira. Foi pra Belo Horizonte, veio comigo pra São Paulo e aqui conheceu o rapaz que trabalhava lá na garagem do prédio onde eu morava e casou com ele. Vê se eu dou sorte pras pessoas, hein. Dou sorte pras pessoas. E casou aqui. Aí o que eu fiz? Eu voltei a trabalhar, voltei a trabalhar e aí eu estava trabalhando, eu tinha deixado o meu cargo, tinha pedido uma licença e o meu cargo estava numa cidade perto de Jundiaí. Por que perto de Jundiaí? Porque a gente ia morar lá, tínhamos plano de morar nessa cidade Campo Limpo Paulista. Eu fui pra essa cidade, eu dava aula, eu saía umas quatro e meia da manhã da Vila Mariana, viajava mais 75 quilômetros pra chegar lá perto de

Jundiá, dava aula, voltava pra São Paulo. Fiquei um tempo aí. Logicamente terminei doente. Mas aí me removi pra uma escola que fica ali numa travessa da Interlagos. Interlagos. A Escola Estadual Ibrahim Nobre, que fica na frente da casa do César e onde eu dei aula pro Ricardo, pra Mônica, pro Rogério que são os filhos dele. Conheci a família dele, conheci a mulher dele, dava aula...

P/1 – E você era casada?

R – Era. Era casada. Fiquei 17 anos nessa escola. Dezesete anos. Antes de sair de lá eu me divorciei.

P/1 – Por quê?

R – Ah, porque é complicado, viu? Não sei. Toda história eu entendo que é o seguinte, tem um começo, meio e fim. Aliás, é uma coisa que não me traz.. Traz amargas lembranças, bem da verdade. Separação foi triste. Pra mim foi triste.

P/1 – Mas ele que quis se separar ou você?

R – É. Chegou um momento que achou que não valia mais a pena. Tudo bem. Eu acho que é um direito de cada um. Nessa hora eu falei: “Eu preciso dar um jeito na minha vida, porque eu to assim muito acomodada”.

P/1 – E os filhos já estavam grandes?

R – O Afonso tinha 11 pra 12 anos, por aí. Eu acho o seguinte, que às vezes os fatos acontecem pra que você também modifique a sua vida, certo? Que você dê um rumo diferente. Então numa altura dessas o que eu fiz? Eu falei o seguinte, alguém me falou: “Janete, tem um lugar como assistente de direção numa outra escola. Você sai da sua designada, é possível, e você vai substituir alguém durante três meses que está de licença prêmio”. A doida foi. Foi uma loucura essa escola, foi. Eu com problemas, aqueles problemas familiares, mas eu fui pra essa escola. Fui pra essa escola onde eu fiquei três meses, onde eu confesso a você que as pessoas foram tão amorosas comigo, porque eu me dediquei tanto pra essa escola que as pessoas também viram que eu me dediquei, elas me devolveram na mesma moeda. Então eu só fiz amigos nessa escola, que era o Simione. E nesse meio tempo o meu pai faleceu. Então eu tive um problema, problema de separação, problema da morte do meu pai, um derrame cerebral, também não foi fácil, e eu fiquei nessa escola onde deu tudo certinho. A escola era difícil, mas eu acho que eu consegui dar conta. Terminou a licença prêmio da pessoa, eu voltei pra minha. Quando eu voltei pra minha, a minha diretora falou: “Janete, a escola cresceu, eu tenho um lugar de assistente, eu vou convidar você pra ser minha assistente. Eu acho que os seus professores vão gostar”. Os meus colegas de trabalho disseram “Não, Janete, nós queremos você como assistente”. E eu fui trabalhar como assistente nessa escola. Na própria escola que eu dava aula, onde eu já tinha os meus conhecidos professores, onde os alunos me conheciam, onde eles me respeitavam e era uma escola excelente. Excelente. Porque quando eu comecei a dar aula nessa escola, em 81, a escola... Comecei a dar aula em 80. Essa escola só tinha seis classes, então eu conhecia todos os alunos, todos os pais, todas as mães. Depois eu conheci o irmão do irmão, o primo, a prima, então eu tinha conhecimento todo da comunidade. Então eles aprenderam a me respeitar também. Eu consegui ficar nessa escola como assistente durante um tempo. Nessas alturas eu precisei ter outro emprego porque a situação financeira minha era... Eu tive essa necessidade. E prestei um concurso na prefeitura e falei: “Olha, Jesus, eu só posso pegar outra escola, na escola na prefeitura eu só posso escolher se for perto do Ibrahim”. E aí você acredita que eu consegui uma escola assim, atravessando a Avenida Interlagos, era do outro lado, que é o Conde Pereira Carneiro. Eu consegui lá, você acredita? E aí dava aula. Agora, o horário também precisava ser compatível. Eu dava aula das 11 as três, dez pras três, entrava às três horas no Ibrahim, ficava até as 11. E fiquei um tempo assim. Aí eu tive que...

P/1 – Aula de português?

R – É. Aí eu tive que prestar... Quando eu prestei esse concurso na prefeitura o concurso era adjunto? O que era um professor adjunto? Que não existe mais isso na prefeitura hoje em dia. Era professor substituto. Pra ser substituto você tinha que fazer uma prova. Eu fiz, fiquei no Conde. “Janete, agora tem outro concurso. É o titular”. Pensei comigo: “Janete, você tem que passar nesse concurso de titular. Ou passa, ou passa”. Voltei a estudar. Tirei minhas férias de 15 dias, fiquei 15 dias das oito da manhã às 11 horas estudando pra prestar o concurso. Passei. Peguei uma escola perto do Sesc Interlagos. Aí nessas alturas eu tinha saído do Ibrahim e a escola que eu peguei só tinha a tarde e à noite. Então eu saía as 11 horas ali lá daquele fim de... Lugar distante e vinha pra casa. Então eu trabalhava a tarde e à noite no Sesc Interlagos, ali perto do Sesc Interlagos. Eu falei: “Eu não posso ficar a vida inteira aqui.”. Aí eu vi no Diário Oficial que havia uma inscrição pra trabalhar num projeto da prefeitura em ensino a distância. Fui a coordenadoria, fiz uma entrevista, pediram que eu escrevesse alguma coisa lá, fizeram algumas perguntas, eu escrevi aí passei a trabalhar nesse projeto. E esse projeto funcionava ao lado dessa primeira escola, do Conde. Fiquei lá cinco anos. Cinco anos. Nesse meio tempo eu me transferei novamente pro Conde, aí como titular. Eu vinha como professora não mais substituta, mas professora titular. Eu voltei ao Conde em 2002, Conde Pereira, onde eu fiquei até o ano passado.

P/1 – Aí você se aposentou?

R – Obrigada. Obrigada. Chorei muito no dia em que eu saí. Por mim teria continuado, porque eu gostava...

P/1 – Você está aposentada dos dois?

R – É. Só que na prefeitura eu não tenho o tempo integral, eu tenho menos tempo. Mas as crianças são ótimas. É o que eu falei naquele dia da entrevista e você... Aconteceu uma coisa interessante, porque eu me aposentava obrigatoriamente em outubro, no dia 19, então meu último dia teria que ser no dia 18. E dia do professor é dia 15. Aí alguém do Diário de São Paulo ligou lá pra secretaria da educação perguntando se alguém ia se aposentar naquela época, naqueles dias e era eu. Mas foi uma sorte. Eles foram a escola, queriam uma entrevista comigo. Já que eu ia me

aposentar. Eu acho que eles esperavam alguém que queria se aposentar, mas não era o caso. Eu não queria me aposentar, eu estava muito bem, era muito feliz. E uma das coisas mais agradáveis que eu ouvi de um aluno foi o seguinte, uma aluna falou pra mim: “Escuta aqui, dona Janete, do nada você vai se aposentar?”. Como do nada? Cinquenta anos. Do nada. Então eu fique superfeliz, por quê? Por causa da receptividade dos alunos. Porque colega fazer festa pra você é normal. Os amigos fazem. Dão presente, sempre dão uma joia. Pra você quando se aposenta recebe uma joia, não sei como é que é o que se aposenta do INSS assim, não sei como é que é, mas todos recebem um relógio, uma corrente, um brinco. Mas aluno fazer uma festa é diferente. Aí é muito mais legal. É muito agradável. Então eles... Aliás, eles me convidaram pra ser paraninfa deles esse ano. Eles são meus amigos no Face, manda recadinhos. Então é uma coisa muito agradável.

P/1 – Como que você acabou... Depois que você se separou você não teve mais namorado?

R – O jovem

P/1 – Como é que vocês... Quem é ele?

R – O César?

P/1 – Como quer você reencontrou?

R – Mas aí, veja você, a minha mãe ficou comigo. Eu tinha uma responsabilidade, cuidar da minha mãe. Quando você é filha única você não tem que dividir com ninguém, é você, tá certo? Eu acho até bom em termos, porque você não precisa: “Ah, minha irmã não me ajudou, meu irmão...”. Não. Sou eu e ponto. Então tinha médico com ela, ela sempre uma pessoa muito doentinha. Ela era uma pessoa forte espiritualmente, mas fisicamente era uma pessoa que sofria uns probleminhas. Então namorado oficial nunca tive, não. Cuidava, trabalhava, vinha à noite, trabalhava no CEMI, depois passei pro Conde. Tinha as crianças, tem os meninos em casa, tinha a minha mãe. Então a vida normal. Tinha umas amigas com quem eu saía de vez em quando, mas nada... Eu era mais caseira, pra dizer a verdade. Depois que a minha mãe adoeceu, bom aí foi um período difícil mesmo. Período difícil. Mas aí alguém disse: “Janete, é melhor você não tirar nenhuma licença, senão você que vai ficar doente”. Então arrumei alguém que pudesse nas horas que eu estivesse trabalhando ficar com ela, eu ia trabalhar, voltava à noite aí cuidava dela, cuidava da minha mãe. Até que ela faleceu. Dois mil ela morreu. Dois mil. E um dia eu estava no supermercado, encontrei com o César, mas eu conhecia o César, conhecia a Adelaide. E toda vez que eu encontrava com a Adelaide, a mãe dos meninos. Eu já encontrei com a Mônica que é a filha dele no mercado, ela estava grávida: “Ah, Janete, nós estamos aqui”. Ou encontrei... Sempre tinha notícia deles. A Adelaide dizia: “Ah, preciso contar, o nosso filho...” porque nós brincávamos “o nosso filho Ricardo...” que é o mais velho “olha, agora ele casou. Agora ele tem um filho”. Ela me contava, casualmente encontrava no mercado que era comum, não que eu more perto deles, não fica a cinco quilômetros de uma casa da outra, mas tem um mercado no meio do caminho, que era o antigo Sé, que hoje é o Pão de Açúcar. A gente se encontrava ali. É interessante. Eu nem soube que ela havia falecido, você acredita? Eu não sabia. Fiquei sabendo no dia que eu estava no mercado, eu encontrei com o César, que ele me contou. Eu não sabia mesmo. Porque aí eu perdi o contato com o pessoal da rua, porque eu conhecia todo o pessoal que morava na rua. Todos tinham sido meus alunos. Todo mundo. E aí nos encontramos ali com o César. Sei lá. Uma conversa aqui, outra conversa lá. Foi indo, aí a gente voltou a se encontrar. E quando ele falou com a Mônica, conversou com a filha, ela falou: “Ah, graças a Deus. Adoro a Janete”. Aí o primeiro telefonema do Ricardo, que é um amor de pessoa: “Janete, tanto tempo. Nós perdemos os nossos vínculos, mas agora nós vamos reatar”. Realmente. Ele é uma pessoa muito especial, o Rogério também é especial, a Mônica também, é uma menina ótima, os filhos deles. São pessoas especiais.

P/1 – Quanto tempo vocês já estão juntos?

R – Acho que há 11, 12 anos. É outra vida. Nós temos que separar de novo, porque afinal já está chegando aos 20.

P/1 – E hoje, quais são os seus maiores sonhos? Primeiro como que é seu cotidiano hoje?

R – Meu cotidiano agora eu to procurando emprego. Você acha que alguém que ficou 50 anos trabalhando vai ficar sem fazer nada na vida? Não. Não dá. É impossível. Já estou pensando em tudo. Acho que eu vou voltar a dar aula particular, viu? Acho. Se bem que eu gostaria de fazer um trabalho em meio período em que eu visse pessoas, conversasse com pessoas. Mas eu tenho assim, faço meus exercícios, eu faço tudo a pé, faço tudo devagar. Tudo que eu fazia correndo eu faço mais devagar. Faço mais devagar. Como diz assim o poeta, sobra tempo. Sobra tempo. O tempo anda lentamente. Parece que o tempo anda mais devagar. Mas faço exercícios, faço hidroginástica, eu ando. Tudo que eu tiver que comprar eu faço a pé. Fico com neto, às vezes vem a neta em casa. Ah, tenho dois netinhos, a Cristina e o Bruno. Bruno em homenagem ao meu pai, meu filho disse assim, vou te contar esse lance, dá tempo? Dá? A filha e a nora engravidaram mais ou menos no mesmo tempo. Chegou o Afonso pra mim e disse: “Mãe, é menino. Vai chamar Bruno, hein”. Homenagem do avô dele. Que é o meu pai. A Elisa: “Mãe, eu não sei ainda o sexo, mas que tal se for menino que eu coloque o nome de Bruno?”. Falei: “Jesus amado. Não pode.” Não pode. Como vai ser dois Brunos? Aí era menina. Colocou Cristina. Aí tem a Cristina e o Bruno, eu sou a nona no meio dessa confusão toda de vó, avô não sei de onde. Que tem um monte de gente, eu falei: “Eu tenho que ser diferente pra eles. Eu tenho que ter um diferencial”. Então eu sou a nona. Apesar de hoje em dia, vamos dizer o seguinte, nona, eu que sou descendente de imigrantes e nona era o comum, as minhas primas até hoje: “A nona, você lembra da nona tal?”. Eu sou nona pros dois. Então às vezes eu ligava, o meu netinho era pequenininho, eu falava: “É a nona”. Meu filho: “Bruno, é a sua vó.” “Não, pai. É a minha nona. É a nona. É a nona”. Então é gostoso. É gostoso poder de vez em quando estar com eles, eles estão agora em fase de alfabetização. É bom. É gratificante. E às vezes também eu não quero fazer nada, eu vou assistir a um filme e coloco o filme. Eu falo: “Eu vou assistir um filme hoje”. Pronto. Todas assim.

P/1 – Quais são os seus sonhos?

R – Nem sei se eu tenho muitos sonhos hoje em dia. Eu tenho uma coisa que eu gostaria. Primeiro, eu acho, é ser útil pra alguém. Ser útil. Eu acho que esse é o objetivo da vida da gente. Nem sei se é um sonho, mas é ser útil. Uma coisa que eu desejaria muito é não dar trabalho pros meus filhos. A gente vai ficando mais velha e pensa: “Tomara que eu não dê trabalho”. Porque é uma coisa que é muito triste, dar trabalho pros dois. Não gostaria de dar trabalho pra ninguém. Esse é um sonho. É um desejo meu na realidade. Nada de muito especial. Você acha que alguém com a minha idade vai ter muito sonho? Não. Mas eu disse uma vez uma frase que eu acho bonita. Que é da Cora Coralina, que ela fala assim, que eu sou aquela mulher que na subida da montanha da vida foi retirando pedras e plantando flores. Isso como professora, acho que até como ser humano. Eu acho bonito. E uma coisa também que ela falou que eu acho que tem que ser um objetivo da gente, é que nada tem muito sentido se a gente não toca no coração das pessoas. Então esses alunos meus, que foram meus durante três anos, dia-a-dia. Eu falei pra eles isso um dia, que eu aprendi com ele, algo do Pequeno Príncipe ali, quando ele conversa, o Pequeno Príncipe conversa com a raposa, que a raposa explica pra ele o significado do cativar. É importante além de você ter isso de você transmitir conhecimento, de você propiciar uma situação que o aluno cresça, você tem que criar laços com os alunos. E é isso que é importante. A gente toca o coração deles, eles tocam o nosso coração, você cria laços com eles e isso é que eu acho válido. Não sei o que mais eu poderia falar sobre a minha pessoa que eu já falei acho que tudo. Sei lá.

P/1 – Janete, o que você achou da experiência de contar a sua história aqui pro Museu da Pessoa?

R- Ah, eu achei ótimo porque primeiro que você faz uma retrospectiva, você se emociona, você dá risada, porque deve ter muitas coisas que eu devo ter passado, situações que você até esquece. Divertidas. E acho bom pra você refletir também um pouquinho. Porque você perguntou quais são os seus sonhos, preciso refletir nisso agora, viu? Qual é o meu sonho? Preciso achar um. Acho que é bom. Fiquei feliz. Emocionada também. Valeu. Não sei o que vocês acharam, se vocês sentiram algo ou não. Também é importante quem ouve, se eu consegui tocar o coração de vocês.

P/1 – Muito bonita a sua história. Você é uma excelente contadora de história. Obrigada.

R – Tá bom.